Albert Sabin

Antenor Gomes de Barros Leal

O dia 3 de março de 1993 é um dia triste para a humanidade. Foi o dia que levou o Dr. Albert Sabin de nosso espaço físico, tornando a data um marco para a história da civilização, que será sempre lembrada, enquanto perdurarmos como espécie.

Gênio da mais alta expressão científica e humanitária, como poucos já existiram, equipara-se a Albert Einstein, Galileu, Michelângelo, Aristóteles e outros que seriam enumerados em poucas linhas. E foi um cientista reverenciado vivo, como atestam as inúmeras homenagens e títulos acumulados desde a aplicação prática eficaz de seus trabalhos, o que não ocorre comumente, vindo a coroação e os méritos das grandes personalidades, freqüentemente, anos, décadas ou mesmo séculos após seus passamentos.

Personagem singular, o velhinho de bengala e barbas brancas desfazia-se com grande facilidade do paletó e gravata, desvencilhava-se de "flashes" e palmas e procurava o regaço e o aconchego entre as crianças. Simplesmente as amava e por elas era tão amado. Ficava cercado de crianças, risonho, a contemplá-las saudáveis em todas as raças e idiomas, embevecido com sua pureza e inocência e, ciente por demais, do quanto havia contribuído para sua saúde e bem-estar. Era seu anjo protetor, afastava delas e com a bengala brandia a distância a sombra sepulcral da poliomielite, responsável por tantos rostos tristes, antes da aplicabilidade tão eficaz de seus métodos imunogênicos. Seu trabalho consistiu no aperfeiçoamento da vacina de Jonas Salk, no princípio dos anos 50. Melhorou-a e obteve resultados milagrosos com a utilização de vírus vivo, veiculada em princípio oral. Tão gritante contribuição à ciência verifica-se estatisticamente quando da redução do apavorante número de 21.262 casos de pólio em 1952, para 893, em 1962, após a aplicação da vacina (1961).

Foi um homem itinerante, de muitos endereços. Nascido Albert Bruce Sabin, em Bialistek, Rússia, em 26 de agosto de 1906, em família judia que sofrera sangrentas perseguições religiosas na terra natal, emigrou com os familiares em 1921, para os Estados Unidos, à procura de uma terra livre, sem aqueles preconceitos tão perigosamente exercitados. Radicaram-se em Nova Jersey. Confessou posteriormente, que à entrada do porto de New York, ao contemplar pela primeira vez e Estátua da Liberdade, percebeu um novo sopro de vida, vento que alentava esperança, um horizonte pleno de pers-

pectivas à sua frente. E as promessas da Estátua não falharam para com o pobre refugiado Albert. Patrocinado por um tio que viera antes e estava em boa situação, preparou-se inicialmente para o estudo da Odontologia, conforme a vontade daquele parente. Mas cedo percebeu que sua vocação era outra e formou-se em Medicina, pela Universidade de New York. Animado pela leitura do Best-seller da época, o livro "Caçadores de Micróbios", de Paul Kruif, compreendeu que dedicaria sua vida à pesquisa científica. Desde estudante, já promissor no departamento de pesquisa, enveredou cada vez mais profundamente por este ramo. Em 1934 foi convidado para trabalhar em Londres, na área de medicina preventiva, enviado pelo Conselho Americano de Pesquisa. Na 2ª Grande Guerra foi convocado pelas forças armadas, quando dedicou-se ao estudo de patologias epidêmicas em regiões como Filipinas, Coréia, China, Japão, Egito e a terra de seus ancestrais e sua verdadeira pátria - a Palestina. Voltando aos Estados Unidos, entregou-se a incessantes estudos que possibilitaram a confecção da vacina oral antipólio, que leva o seu nome, feito concretizado em 1961.

Desde então seu nome ficou consagrado em todo o mundo e tornou-se personalidade internacional, cultivando sempre a simplicidade, despreendimento e altruísmo, que lhe eram peculiares. Acreditava que ciência e humanismo estavam intrinsicamente entrelaçados e vivia intensamente este binômio.

Sua amizade pelo Brasil foi ímpar. Veio pela primeira vez em 1961, quando fez sua descoberta, voltou em 63 e em 70 nova visita, desta vez como Presidente do Instituto Weizmann de Ciência de Israel, uma das mais importantes instituições científicas mundiais. Conheceu então Adolf Bloch, fundador do Grupo Manchete, entre os quais brotou forte amizade, através da qual Dr. Sabin conheceu a brasileira D. Heloísa Dunshee de Abrantes. Casaram-se em 1972 e desde aí as relações com o Brasil passaram a ser ainda mais fortes, chegando o cientista a considerar-se brasileiro de coração.

Finalmente, após tantos e tantos anos de glória e trabalho árduo, supervisionando pessoalmente as campanhas de vacinação em massa em todos os quadrantes do globo, retornou aos EUA e instalou-se em Washington, DC, onde trabalhou até seus últimos dias de vida.

Problemas de ordem neurológica interpuseram-se como barreira à vida e obra do notável pesquisador. Em 1983, aos 77 anos, foi hospitalizado e vítima de Polineurites no Instituto Nacional de Saúde, em Bethesda, Maryland, EUA e em 1988, após delicada cirurgia cardíaca, ainda assim mobilizou-se em grandes campanhas preventivas, com muito sucesso, especialmente na área de sarampo e pólio, em países do terceiro mundo.

Faleceu em Washington, DC, ao lado da mulher Heloísa e da filha Amy Horne, na aurora da quarta feira, 3 de março de 1993, devendo à humanidade dois projetos que havia prometido a si mesmo. Uma autobiografia e um livro de cunho religioso, que intitular-se-ia "Meu Deus". Junto à vida que se esvaía, exclamou a filha: "Enriqueceu minha vida e creio que fez o mesmo para milhares de irmãos". E D. Heloísa Abrantes, inconsolável, mas serena, assim o reverenciou: "Ele fez do mundo um lugar melhor e, de mim, uma pessoa melhor".

E, do mundo que não o conheceu diretamente, parte uma aura de reconhecimento, conforto e felicidade por viver melhor hoje, apesar dos tantos problemas ainda por resolver. E a esperança que fica no nascer porvindouro de outros Alberts, que com certeza virão, para construir um mundo cada vez mais próximo da imagem de Deus.